

Paris-16-3-1913

Meus caros Pais

Recebi a 13 carta da mãe que me deu muito prazer. Quando se está longe saboreia-se as mais pequenas coisas, lê-se uma duas e três vezes durante o dia. É-se como os pequenos quando têm um brinquedo que o querem ver de instante a instante.

A 14 comprei o livro de Fra Angelico e meti no correio juntamente com o de Robert de la Sizeranne que tinha cá, perguntei se *Masques et visages* já tinha sido publicado em volume, disseram-me que não.

Recebi junto com a mesada os 3 francos. O número de *L'Art décoratif* que não recebeste, talvez não apanhasse o vapor, manda-me dizer se recebeste mais tarde. No domingo 9 jantei em casa de Mme Weil, tia do Albert Oulman, e onde ele está. O jantar foi dado para eu fazer conhecimento com uma Mademoisele que o José Oulman pediu ao irmão que me apresentasse. Os de casa foram como sempre extremamente amáveis e a rapariga é muito interessante. É um tipo loiro, sem grande beleza, mas um tipo fresco e de olhar franco, excessivamente elegante e simples, e o que ela tem de mais encantador é uma conversa muito inteligente, muito despretençiosa, como não é muito vulgar encontrar. Foi uma noite bastante agradável, éramos 5, a Mme Weil, esta rapariga de que não sei o nome, o Albert, uma amiga e eu. Mlle Weil levou-nos para o seu pequeno e confortável quarto de estar onde conversámos amavelmente todos os 5, vagueando da literatura ao feminismo, do feminismo à religião, e as horas passaram, deixando-me uma bela impressão.

Segunda-feira 10 estive no concerto sobre as obras de Beethoven, é uma bela música, tenho pena quando a ouço de não ter a meu lado pessoas que estimo e que apreciam. Na sexta 13 estive num five o'clock tea da Alemã. Lá vão vários artistas, um italiano, outros eslavos, etc. etc. Tocam, cantam, conversam às vezes muito em

alemão, entre outros encontrei lá uma rapariga que é interessante. Um dia destes irei à rue Dareau saber se há alguma conferência interessante. A Sarah Bernard está na América quando vier irei vê-la. Tenho cá ~~Parasytis~~.

Estou fazendo um móvel para as estatuetas na exposição, decorado com cegonhas e tenho uma estatueta que vou mandar fundir em bronze, não é muito caro, levam 40 frs.

Aqui junto vão as fotografias da última estatueta que fiz, *representa Les malheurs de l'amour*, é uma mulher que é adorada mas não pode corresponder ao ser que ama. A outra fotografia é de *Mère heureuse e Piège tendu*, pintada e tirada de um outro lado.

Fiquei admirado do casamento do Jacintho, eles não me disseram nada, a não ser a Maria da Glória que me perguntou um dia que lá jantei se me tinham falado da Ilha de algum casamento do Jacintho, eu disse que não, e que sabia só que ele tinha tido uma paixoneta por uma Ryler. Agora compreendo, como ela me pediu para perguntar para a ilha e eu me esqueci, agora vou dizer que me responderam e farei o possível para ter alguns esclarecimentos.

Há um ano chegaste a Lisboa, e a tia, foram uns dias bem agradáveis para mim. Como o tempo passa depressa.

Aqui em casa está uma rapariga da Sérvia que estuda medicina, ela admira muito as minhas estatuetas, um destes dias pediu-me as fotografias para mostrar a uns amigos, eu dei-lhas e quando mas entregou disse-me que as tinha mostrado ao marido de uma amiga que é jornalista italiano e que ele, tendo ficado encantado, queria escrever um artigo e ver os meus trabalhos. Virá um destes dias mas eu só acreditarei

quando vir o artigo.

Um grande abraço.

Saudades à tia e à avó

Ernesto do Canto

I